

Deponente: Antônio Faria Lopes

Entrevistador: José Alexandre Salles, Josias de Matos Ferreira, Ronald Rocha

Data: 21 de março de 2017

INTERLOCUTOR: Eu vou fechar a porta. Tá fechada?

INTERLOCUTOR: Vocês querem que ligue o ar um pouco? Tá bom assim?

INTERLOCUTOR: Não, tá bom.

INTERLOCUTOR: Tá joia?

INTERLOCUTOR: Tá bom, tá bom.

INTERLOCUTOR: Se esquentar vai esquentar. Esquentar, esquentar.

INTERLOCUTOR: Esquentar?

INTERLOCUTOR: Esquentar esquentar.

INTERLOCUTOR: Liga do mínimo.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR: Vocês não aguentar ficar aqui não.

INTERLOCUTOR: Vocês não aguentar ficar não.

INTERLOCUTOR: Ó, atenção! Gravando.

INTERLOCUTOR: Então, bom dia. Esse depoimento será realizado em nome da Comissão da Verdade de Minas Gerais, COVEMG. Projetado aí e feito pelo grupo B, sob o grupo 3, responsável pela elaboração do relatório sobre violação de direitos humanos a trabalhadores urbanos, seus sindicatos, suas organizações, seus eventos. A equipe do subgrupo 3 tem a seguinte composição, como membro efetivo da COVEMG, da Comissão da Verdade de Minas Gerais, o Senhor Jurandir Persichini, como assessor desse grupo, o Senhor RONALD Rocha, e como bolsistas, Luiz Gonzaga Josias de Matos e José Antônio Marçal. Hoje é 21 de março de 2017, nós estamos aqui, reunidos num laboratório de comunicação da universidade FUMEC, em Belo Horizonte, para colher o depoimento do Senhor ANTÔNIO FARIA Lopes. Participam desta entrevista, desse depoimento, o ALEXANDRE, também assessor da COVEMG, o Josias de Matos, bolsista do grupo 3, e o Senhor RONALD, assessor do grupo 3, da COVEMG. O objetivo dessa oitiva é coletar informações sobre repressões praticadas contra sindicatos e trabalhadores, particularmente a categoria que o senhor representou, no período do Regime Militar, compreendido aí entre 1964 e 1985. A dinâmica que nós vamos estabelecer será, no primeiro momento, uma exposição livre

do senhor, sem nenhum tipo de interrupção, após a exposição, abrirá para perguntas e essas perguntas serão feitas e intercaladas com as respostas do senhor. Logo depois a gente passa a palavra pro senhor encerrar. Neste momento são 9:1^o da manhã.

ANTÔNIO FARIA: Ok?

INTERLOCUTOR: A Palavra com o senhor.

ANTÔNIO FARIA: Bom, bom dia. Eu tô muito agradecido pelo convite. Vim porque o convite é irrecusável, partindo de pessoas amigas que estão envolvidas nesse trabalho da COVEMG, que eu acho que tem a sua importância. Eu quero dizer preliminarmente que o meu depoimento não tem nenhum valor histórico, bobagem. Eu quero citar duas preliminares, uma do Gabriel Garcia Marques que diz o seguinte: “O que o homem viveu não é sua história, a sua história é aquilo que ele se lembra e como ele se lembra.”, portanto tudo que a gente fala do passado é extremamente relativo, porque depende da visão que você tinha no momento que você viveu o fato, a posição que você ocupava naquele momento, porque nós, quem conta um conto aumenta um ponto. À medida que o tempo vai passando, como você viveu e como você se lembra, né? E esse como você se lembra também é muito mutante, isso é uma preliminar, portanto, todos esses depoimentos sobre coisas do passado têm que levar isso em consideração, porque o que é que é a verdade afinal, né? Pilatos perguntou isso, mas não tem uma resposta muito boa até hoje. A outra é do Padre Vieira que diz assim: “O Homem, quando fala de si mesmo, pensa mais do que é e diz mais do que pensa.”, eu, essa frase do Padre Vieira, eu aprendi quando era estudante, pronunciada pelo meu professor Wilson Chaves. Tá vendo como é que a memória... Eu li muita coisa do Vieira, nunca achei essa frase na coisa do, na obra do Vieira. Deve tá lá. Como a obra também é muito grande, né, então... Então feita essas duas ressalvas de que o que eu vou contar é como eu me lembro e de que eu posso pensar muito mais do que eu sou, aí eu começo. Eu começaria, vamos dizer, em 1961, que foi o ano que eu... muito importante na minha vida. Eu entrei no Banco do Brasil em 1956, fui trabalhar no interior, consegui minha transferência para Belo Horizonte e com a formação que eu tinha de militante da juventude operária católica, eu imediatamente fui procurar o sindicato, já era sindicalizado desde o dia que entrei no banco e ofereceram os meus serviços, eu era bem jovem. Quando eu voltei pra Belo Horizonte, em 1959, eu tinha 22 anos. E fui trabalhar numa sessão do Banco do Brasil onde trabalhava o Armando Ziller, que é um antigo líder do partido comunista e uma das pessoas que eu mais admirei na minha vida e que transformou-se num grande amigo

e numa espécie de guru pra mim. Ele trazia os jornais do sindicato pra distribuir e eu, no meu segundo dia de trabalho, ofereci a ele pra ajudar na distribuição, e ele olhou pra mim assim espantado, um jovem, ninguém nunca ia fazer aquilo sozinho. E quando terminou o expediente, ele, aí ele veio conversar comigo: “Você quer ir lá no sindicato?”, eu digo: “Vamos, vamos sim.” E ele foi pelo caminho, assim, muito interessado, em quem era eu, ele achava que eu era do partido comunista, porque um jovem que chega e já pega um jornal pra distribuir. E ele foi colocando coisas que eu, me interrogando de certa forma e aí quando eu disse pra ele: “Não, eu não sou do Partido Comunista, não, eu sou é católico.”, aí ele me deu um abraço e falou: “Muito melhor ainda, porque se fosse do partido comunista era uma obrigação sua, católico então...” e aí ficamos muito amigos e eu fiquei nas comissões sindicais e em 1961, no mês de maio, eu casei no dia 13 de maio, e fui eleito vice-presidente do sindicato no dia 17 de maio. Em setembro desse ano, setembro ou outubro, nós, os bancários tiveram uma greve, então foi a minha estreia no movimento sindical, numa greve que durou sete dias, uma greve por aumento de salário. E os bancários pediam sete mil cruzeiros de aumento, e tinha até uma musiquinha: “Sete é Sete, não é quatro, não é três, deixa conversa de dizer que é cinco ou seis.”, né? Fazíamos uma greve difícil, porque tinha que fazer os piquetes pra convencer os companheiros de que deviam aderir à greve. E a greve foi muito bem sucedida, alcançamos aquilo que queríamos e tivemos uns oito dias de greve. Era um tempo em que não tinha telefone celular, não tinha um monte de coisas. Falar com outros sindicatos, com Rio de Janeiro, por exemplo, onde estava a confederação dos bancários, era muito difícil fazer um interurbano. Às vezes a gente tinha que ficar até de madrugada esperando, porque eram poucas linhas que estavam disponíveis. Então essa, pouco mais de uma semana de greve, eu fiquei quase que o tempo inteiro no sindicato, de madrugada etc. Então eu não, a alimentação péssima, eu terminei a greve pesando 49 quilos, era muito magro, mas eu só pesava 54, então na verdade eu perdi só 5 quilos, mas um palito, né? Mas com a greve vitoriosa. O sindicato dos bancários de Belo Horizonte era naquela época um sindicato talvez o mais ativo, e por ter uma sede no centro da cidade, na Rua Tamoios e ter um pequeno auditório servia para as reuniões, as mais variadas dos movimentos populares e até dos outros sindicatos. Vizinho do sindicato dos bancários tinha a Faculdade de Ciências Econômicas, então aquela famosa união operária-estudantil daquela época funcionava muito, porque a liderança, as lideranças maiores do movimento estudantil estavam na Faculdade de Ciências

Econômicas que eram vizinhas do sindicato dos bancários. O Betinho, por exemplo, foi... Herbert José de Souza, é bom falar o nome inteiro, né, porque... Pra não ter confusão... Era da Faculdade de Ciências Econômicas, ele fazia Sociologia, mas era lá. E muitos outros, Vinícius Caldeira Brant, então esta... União operária-estudantil funcionava na verdade muito dentro do sindicato dos bancários. Naquela época, era época que, naquele ano, também de 61, o Jânio Quadros em agosto renunciou, e os militares não permitiram que o vice-presidente tomasse posse, até por que Jango tava viajando, estava na China, então nós tivemos uns dias de muita tensão. Ao final dessa tensão houve um acordo, o Jango já estava de volta, já estava no Uruguai, quem até foi o intermediário para ir ao Uruguai conversar com o Jango foi o Tancredo Neves. Os militares que resistiam à posse do Jango propuseram e o Jango aceitou, que era a única forma dele voltar, a implantação do parlamentarismo no Brasil. Eu tô falando um pouco de política porque é um pouco do tempo. O Jango serviu presidente e tínhamos um primeiro ministro. O Tancredo que evidentemente foi a pessoa que era de confiança geral, assim, que foi quando ele desceu no Rio de Janeiro, no Galeão, ele já desceu Primeiro Ministro, foi o primeiro Primeiro Ministro.

ANTÔNIO FARIA: Do regime parlamentarista no Brasil. E foi a época também da luta das reformas de base, então onde o movimento sindical teve um pouco mais de liberdade. O movimento sindical, vamos dizer, chamado progressista, porque havia um movimento sindical dos pelegos, que faziam, estavam vinculados ao Estado, vinculados ao poder, e os comunistas, que eram parte maior dessa mais autêntica, fazia também um trabalho para que o sindicato fosse uma correia de transmissão do Partido Comunista. O o sindicato que não era pelego, segundo o partido, deveria atender às orientações do partido. O Armando Ziller recusava isso definitivamente, ele achava, mesmo sendo um dirig... tem, foi até deputado estadual do Partido Comunista etc. Ele achava que sindicato é sindicato, é a luta dos trabalhadores contra os patrões, né, para poder dividir os lucros para ter uma vida melhor etc. O partido era outra coisa. E eu fui eleito vice-presidente numa chapa em que os comunistas estavam presentes e os católicos também. Foi uma união muito interessante, em 1961, quer dizer, muito antes de, dessa mudança que houve depois. Eu me lembro que eu era da JOC, eu fui ao Dom Serafim, que era o arcebispo, e falei: “Dom serafim, nós queremos entrar no sindicato e eu queria te consultar.” Eu já tinha decidido, nós já tínhamos decidido que faríamos uma coalisão. Eu me lembro que Dom Serafim aprovou, mas recomendou, na saída, batendo a mão nos meus ombros: “Mas tenha muito cuidado!” Então nós

tivemos um sindicato que era realmente progressista, estava lutando pelas reformas de base, e grandes movimentos populares, na época lutando pelas reformas de base, o Jango retomou aí a presidência da república, porque caiu o regime parlamentarista num plebiscito, quer dizer, o povo derrotou o parlamentarismo. E eu me lembro que no princípio de março de 64 teve um grande movimento aqui, chamado Minério não dado a safras, que foi todo organizado durante o sindicato dos bancários e nós tivemos a antiga secretaria de saúde e assistência, um auditório que era maior que é hoje, cabia mais gente, não sei se... Talvez a dimensão seja a mesma. Sempre lotado a semana inteira, até o Miguel Arraes veio aqui fazer a conferencia e muitos... Almino Afonso e muitas outras pessoas importantes. O sindicalismo tinha, vamos dizer, desse lado, vamos dizer, mais progressista, o José Gomes Pimenta, o Dazinho, que era presidente do sindicato de mineiros de Nova Lima e que era, que também foi um militante da JOC, e nós tínhamos alguma atividade política, o Dazinho filou-se ao PDC e foi eleito, em 1962, deputado estadual. O Sinval Bambirra, que era vinculado ao partido comunista e que era presidente do sindicato dos tecelões, foi eleito deputado estadual pelo PTB, e o Clodesmidt Riani, que era o presidente do sindicato dos hidrelétrico lá de Juiz de Fora, foi eleito também deputado também pelo PTB. Tínhamos três deputados operários na assembleia de Minas Gerais, que naquele tempo funcionava na Rua Tamoios, o deputado não tinha gabinete e ele ia lá pra reunião, não tinha um monte de empregados, não tinha almoço, não tinha nada, era uma, e era uma assembleia que funcionava. Aí tivemos boas conquistas dos trabalhadores durante essa época, no caso dos bancários, por exemplo, o fim do trabalho ao sábado, né, não tinha muito sentido nós trabalharmos de oito ao meio dia no sábado, os bancos acharam que também não era conveniente pros bancos. Tivemos alguns progressos na Previdência Social, naquela época era cada... Tinha vários institutos, dos bancários era o IAPB, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários, o IAPI dos industriários, né, o IAPC dos comerciários, e os sindicatos não tinham uma central sindical, nós lutávamos para que isso ocorresse e mesmo ao arrepio da lei, fizemos a CGT, Comando Geral dos Trabalhadores, que o Riani presidia. Mas era ilegal. O sindicalismo tinha os sindicatos e confederações das diversas categorias. Essa luta dos trabalhadores provocou uma reação grande dos militares, dos anticomunistas, da igreja católica, com a marcha com Deus pela liberdade e que os comunistas iam tomar conta do Brasil, e isso redundou no golpe de 64. O golpe de 64, acabou... Praticamente acabou com o sindicalismo que não era

pelego, houve intervenção nos sindicatos mais atuantes, estes, boa parte desses sindicalistas foram presos e muitos condenados pela justiça militar. Eu, no dia 31 de março, eu me lembro de ter telefonado ao Professor Edgar Mata Machado, que era meu, é o meu outro Guru, e ele era amigo do Armando Ziller, ele era católico, Ziller comunista e os dois eram amigos e conversavam era uma coisa muito bonita, de pessoas de bem que estavam querendo a liberdade... Eu liguei para o Professor Edgar, que ele era secretário do trabalho e da cultura popular, e disse assim: “Professor, essa coisa vale a pena? Quem sabe a gente vai lá, vai ao Palácio conversar com o Magalhaes Pinto”, que era o governador, e o Edgar me respondeu assim: “Faria, você acha que ainda é hora de conversar? A polícia está indo pro seu sindicato”. Eu então saí, a polícia ocupou o sindicato, apreenderam um monte de coisas lá. Uma coisa curiosa é que o sindicato dos bancários tinha comprado uma maquininha de xerox da Tchecoslováquia e veio numa caixa de madeira ao sindicato dos bancários e tal, e made in Tchecoslováquia e, segundo os militares, da Tchecoslováquia que vinham as armas que estavam sendo entregues aos sindicalistas para fazer a revolução no Brasil. Nós recebemos foi um... Aquela caixa com aquela... Um dia o Dazinho tava numa reunião do Sindicato dos Bancários, a rural dele estava sem banco, ia mais gente, ele pediu aquela caixa de madeira, dei pra ele pra servir pro pessoal sentar. A polícia apreende essa caixa em Nova Lima e aí vem pro Sindicato dos Bancários. Quando eu fui preso, um dos pontos principais que os... Que o DOPS queria saber e os militares do exército, é onde estavam as metralhadoras que chegaram para o sindicato naquela caixa. Eu levei tanta pancada por causa dessas metralhadoras. Que coisa. Então a intervenção fez com que pessoas vinculadas ao regime e alguns antigos dedos-duros ocupassem os sindicatos e praticamente acabou a liberdade sindical, acabou a... Toda forma de liberdade, veio a Ditadura Militar. Como estão falando que esse depoimento é até depois de 64, quer dizer, depois de 64 eu não fui mais presidente do sindicato, eu fui condenado a 18 anos de prisão, pela justiça militar de Juiz de Fora, no recurso que fizemos ao STM, no Rio de Janeiro, Superior Tribunal Militar. A minha pena caiu de 18 pra 1, eu já tinha cumprido um ano e meio, saí deixando lá um crédito de seis meses que eu ainda não usei nesses anos todos. Nesse julgamento foram condenados o Armando Ziller, eu tô dizendo dos bancários, foi condenado, não estava no Brasil, foi condenado a 30 anos, ele só voltou depois da anistia, eu fui condenado a 18, Bujoni, José Bujoni e Fausto Drumond, condenados a 15 e o Alberto José dos Santos a 10. Desses condenados eu

sou o sobrevivente, não sou... Era mais ou menos isso que eu podia falar... Sobre perseguições, no tempo que eu estive na direção do sindicato, eu fui levado algumas vezes para o DOPS, porque ia pra rua com um alto-falantezinho de pilha convocar os bancários e eu, jovem, um pouco atrevido, às vezes entrava dentro do banco e o banco chamava a polícia e o DOPS me levava, o aparelho ficava preso, eu era libertado e o nosso advogado ia buscar o aparelho, isso aconteceu algumas vezes, não foram muitas, não, mas umas quatro ou cinco eu... eu estive lá. Na greve, não. Não houve intervenção policial, não houve... A greve era pacífica. Os bancários, as bancárias principalmente durante o dia faziam o piquete, então polícia não ia agredir as mulheres, a gente também não depredava, era uma coisa bem, bem feita. Eu não tenho ninguém a quem... Tinha alguns dedo-duro que eu prefiro também não, nem mencionar eles pra eu não me igualar, né, então... Mas era isso que eu...

INTERLOCUTOR: Muito bem, a gente poderia abrir então pra algumas, as perguntas e podemos começar pelo ALEXANDRE.

ALEXANDRE: Agradeço a oportunidade...

ALEXANDRE: Aí cê foi, cê foi tirado do sindicalismo, como cê falou. Aí ficou um período afastado, depois cê volta e com o mesmo espírito de antes, de participativo e questionador e tal, aí tem um período que você voltou... Como foi essa sua volta ao Banco do Brasil? Como é que se deu isso? Você tem alguma coisa...

ANTÔNIO FARIA: Tem. Esse período eu fiquei preso até junho de 1966. Saí, tinha sido demitido pelo ato institucional número 1, do Banco do Brasil, eu era seguido pelos caras do DOPS, eu não tinha nenhuma liberdade, alguma atividade clandestina, algumas reuniões à noite, em locais... Sair um pouco disfarçado, isso, eu tava sempre militando, lutando com as coisas que eram possíveis fazer nessa época. Eu, para sobreviver, eu fui vender livro de porta em porta, depois fizemos uma editora, que é a editora Vega, com amigos, eram uma sociedade anônima e eu era presidente da sociedade anônima, você imagina, um empresário, uma coisa assim. Mas na verdade a editora Vega era também um lugar que acolhia pessoas que saíam da cadeia, que fomos todos mundo, não somente vender, mas também editar livro. Havia uma luta, uma luta fundamental, a luta pela liberdade, e esse tempo foi um tempo interessante, porque as várias ideologias se uniram, a liberdade é o fundamental pra todo mundo. Então havia uma união na luta contra a Ditadura, que não foi uma luta fácil, foi uma luta muito difícil. Algumas manifestações, em 1968 houve uma greve de trabalhadores, né, o pessoal começou a lutar por uma... Um sindicalismo que fosse livre, né, vários

sindicatos em São Paulo, em Minas toparam essa luta. Começou a nascer um novo movimento sindical, começou com algumas das mesmas lutas de antes para criar central sindical etc. Então essa, esse tempo foi um tempo assim de... Mas você queria saber mais sobre a anistia, né? A anistia já vem bem depois, a luta pela anistia também começou... No tempo do Médici era a repressão, foi a repressão mais dura que aconteceu no tempo do Médici, acho que foi nesse tempo que ocê, né, foi em cana também, né, RONALD?

RONALD: Eu também comecei antes do Golpe, mas nessa época do Médici eu era o Dirigente da UNE.

ANTÔNIO FARIA: Ah, pois é. Depois o Regime Militar também não suportava a pressão que havia, que havia também pressão inclusive de fora do Brasil etc. Então a luta pela anistia foi uma luta interessante, importante, e com uma vitória em... 1989, né, que é a lei da anistia.

RONALD: 79.

ALEXANDRE: 79.

ANTÔNIO FARIA: É até do meu aniversário, eu acho que foi, se não me engano no meu aniversário, 29 de agosto. Eu até achei que fosse, assim, um presente pra mim, sabe, assim, a anistia. E depois da anistia então aí a luta política abriu-se muito mais e eu voltei ao Banco do Brasil em 1980. Eu me lembro que no dia, no primeiro dia que eu fui ao banco, né, 64 a 69... A 89, é muito tempo né, eu tava fora do banco. 79, que 89, é 80 foi quando eu voltei ao banco, a anistia foi em 79. Aí eu me aprontei todo que eu ia voltar ao banco, né, fui me apresentar. Alguns dos velhos companheiros do banco, eu avisei, né, então estavam na porta do banco pra me recepcionar. Foi uma coisa assim, alegre e muito emocionante. Os colegas do Banco do Brasil foram sempre muito solidários comigo. Quando eu estava preso, eles cotizavam e levavam, pra Enilde o meu salário. Eu também só aceitava o meu salário, e era o, era uma, era uma divisão, era muita gente, então a contribuição de cada um ficava pequena, era um... Mas eles faziam questão de contribuir e tal. Quando eu saí, evidentemente que eu tinha que dispensar isso que eu tinha que trabalhar, né? E aí eu tive, eu não tinha emprego, eu não tinha... Fui vender livro, era comissão, trabalhava de 8 da manhã às 11 da noite, era uma loucura. Mas aí, nesse dia no Banco do Brasil, eu cheguei e fui ao gerente, me apresentar ao gerente, era um cara que tinha chegado de fora e também me recebeu assim, meio sério, meio dono do mundo, né, eu falei: "Olha, eu vim me apresentar, eu... trabalhar...", aí ele falou: "Mas depois de tanto tempo cê tá

voltando pro banco. O quê que cê acha que cê, que cargo que cê queria ocupar aqui?” Falou assim meio provocativo, sabe? Eu olhei pra ele muito sério, falei bem assim: “O cargo eu queria mesmo era o cargo de presidente do Banco do Brasil, mas como não está dentro da sua autoridade definir isso, eu quero trabalhar de sete à uma.”, que era trabalhar seis horas, aí ele apertou e me botou pra trabalhar de sete a uma.

ALEXANDRE: Obrigado. Faria, eu tô com dois assuntos aqui. Um que sempre me perseguiu muito, é poder ter a oportunidade para consta... Eu fui testemunha, eu fui porta voz, eu vou tentar começar por uma história que você falou aí, que é a campanha que os sindicatos dos bancários iniciou, que era: “Minério não dá duas safras.”, né?

ANTÔNIO FARIA: Aham.

ALEXANDRE: O ANTÔNIO FARIA Lopes, que veio a ser deputado estadual em Minas Gerais, eleito no ano de 1980 e ...,

ANTÔNIO FARI: Dois.

ALEXANDRE: 1982, que já tinha contribuído pra inúmeras outras campanhas e também, futuramente veio a participar de outras campanhas, eleger outras pessoas, aí parodiando essa ideia de “minério não dá duas safras”, ANTÔNIO FARIA também não deu duas safras na política. Eu, a única explicação que eu encontrei foi porque, participando por dentro, a sua, o seu posicionamento político incomodava e incomodou sempre e você reagia com muita firmeza a uns acertos que ocorriam na política em Minas Gerais. Eu fui porta voz de um aviso que me veio pelo Tito Guimarães, jornalista, na época ele era assessor do Newton Cardoso, né? O qual, eu não sei se antes desse aviso, o que que ocorreu, me passa vagamente pela cabeça que era um negócio do Tancredo no governo, uma coisa dos japoneses, tinha umas inquietações dentro do PMDB que você não era, não era parte, não era a favor do Newton Cardoso, né, depois veio a ganhar a convenção, ele foi eleito governador. Mas o Tito me falou, me falou o seguinte, me lembro até que no Maletta, um dia ele falou: “Olha, dá um recado pro Faria, pra ele tomar cuidado e mudar as posições dele, que o Newton mandou falar isso com ele.” Veio a sua campanha, a gente tinha certeza que você seria reeleito, dado aos seus posicionamentos políticos em Minas Gerais, sua trajetória política. Saiba com quem tu andas que saberei quem tu és. Ou seja... Aí veio a campanha cê foi derrotado por homônimos, isso na época não tinha... Essas pessoas que foram lançadas, esses homônimos foram lançados, fizeram com que cê perdesse a reeleição, e sendo que cê não teve, vamos dizer assim, confirmação nem

dos votos da sua cidade, que é Florestal. Eu queria que cê, se possível, que cê falasse sobre isso, porque parece que pra mim ficou, eu fiquei convicto que o Newton Cardoso, ou alguém dentro do PMDB, nomeou, ou procurou nomear, homônimos pra que, sabendo que podia te prejudicar e, vamos dizer assim, você, dentro da sua inocência política, entre aspas, desculpa se, né, você não acreditava que tivesse tamanho golpe baixo, isso é o meu raciocínio, então queria ver se você conta, se você contasse.

ANTÔNIO FARIA: Oh, ALEXANDRE, tem gente que fala isso. Eu não acredito. Não acredito que o Newton tivesse poder na justiça militar e... Houve uma mudança... Foi a coisa do computador, então eles botaram no computador da justiça eleitoral o nome de todos os candidatos e as variações dos nomes. Então eu chamo ANTÔNIO FARIA Lopes. Apareceu um sujeito chamado Carlos Antônio Vieira Faria, um nome assim, sei lá. E uma das variações dava ANTÔNIO FARIA, que era o meu nome, vamos dizer, que eu usava pra... O outro chamava ANTÔNIO FARIA... Esse chamava Antônio Gonzaga de Faria, um nome... E com o meu deram três ANTÔNIO FARIA. Naquela época, você votava escrevendo o nome do candidato, então, todo voto dado a ANTÔNIO FARIA que não tivesse o partido, ou o número do... Acho que era o partido, não existia número nessa época. Não, tinha número sim. Não, não tinha, era só o nome mesmo. O voto era, foi considerado nulo. Eu em Belo Horizonte eu tive, pelos meus cálculos, mais de 10.000 votos anulados aqui, até em Florestal os meus votos foram anulados etc. Então eu tive, fiquei como primeiro suplente, uma coisa assim. Um desses ANTÔNIO FARIA, ele teve mil e poucos votos, e o outro dois mil e pouco, o fato deles terem tido muito pouco voto pode falar que... Não, eles entraram só por causa disso... Mas eles não sabiam, ninguém sabia que isso ia acontecer, e aconteceu. Passado o tempo, eu tenho, eu agradeço a Deus, foi uma coisa ótima pra mim não ter...

ANTÔNIO FARIA: Voltado porque era o... A minha presença na assembleia foi um tempo de muito sacrifício pra mim, muito, porque o barão de Itararé, na época que ele dizia que o risco em política não é perder, é perder-se. E as pessoas entram nesses lugares e se perdem, né, então não era, eu não tenho mágoa, ao contrário, agradeço por ter ficado fora disso.

ALEXANDRE: Obrigado. Faria, no seu depoimento junto ao CONED consta, você indica, dois agentes responsáveis pela tortura do seu filho e por você. Junto, no depoimento dado pelo Edgar Amorin, para... No auditório oral da UFMG, sob a

coordenação de Michel Le Van, ele descreve um desses episódios, no qual você foi muito torturado e ele foi lá reclamar diretamente ao...

ANTÔNIO FARIA: Magalhães Pinto.

ALEXANDRE: Magalhães Pinto. Isso, vamos dizer assim, no início da implantação do regime, né? E o que ficou no seu depoimento junto ao CONED foi indicação de duas pessoas, mas parece, eu não sei se você não quis falar de outros, que deve ter dito outras pessoas, dada a importância que era a vítima, que era você... Se lembra de mais um nome que você pudesse apontar? Um até você fala mais que era responsável pela agressão, que era, que foi o Simeão, que era o promotor, né? Mas você tem mais alguns nomes, alguma coisa que se lembra ou que você tenha visto, por exemplo, em relação ao Bujoni, eu inclusive tive a oportunidade de conviver com o Bujoni, outras do Dazin, alguma coisa você tenha presenciado de tortura a outros, a outras vítimas, outros companheiros, você tem, tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre isso?

ANTÔNIO FARIA: Olha, no tempo que... Nos primeiros tempos da ditadura não tinha, vamos dizer, essa tortura, pelo menos aqui no DOPS, não tinha essa tortura pra valer mesmo. Tinha agressões, eu fui espancado, vamos dizer assim, com... Eu me lembro que com o cassetete, com chute, com porrada e não sei o que. Foi um... Era um capitão da Polícia Militar, que... Esse Simeão foi no interrogatório, ele ficou irritado com uma resposta que eu dei, e essa foi um interrogatório numa sala lá do 12RI, no exército. Ele, eu tava... Eles me perguntaram se o Jango tivesse vencido, como é que seria, onde eu estaria, eu digo: “provavelmente preso.” Né, porque eu seria contra qualquer golpe, seja ele de quem for”. E os militares ficaram muito irritados com essa minha resposta, e aí o Simeão fez uma pergunta e eu fiquei pensando assim, aí ele, eu falei: “Eu tô vendo a sua carótida tá mandando sangue para o cérebro, você está pensando.”, aí eu respondi assim pra ele: “*Cogito, ergo sum*”, aí ele ficou muito irritado, ele tava com um copo na mão e jogou o copo, era uma mesa mais coisa, e eu tirei a cara fora, o copo quebrou lá na, na parede. Mas no DOPS, isso não foi no DOPS, foi numa coisa ali na, era um instituto de previdência, uma coisa, uma coisa qualquer da... Onde funcionava também o Tribunal da Justiça Militar.

ALEXANDRE: Rua Aimorés, provavelmente esquina de Rio Grande do Norte, onde é o museu hoje dos...

ANTÔNIO FARIA: É, é.

ALEXANDRE: Da Polícia Militar.

ANTÔNIO FARIA: Eu acho que é, é ali. E aí no interrogatório, meu pai tinha morrido, né, então eu tava preso e eu tava muito chateado, e aí ele chegou perto de mim e: “Você matou seu pai.”, com a mão na minha cara, eu é que enfiei a mão na cara dele, né, e aí pronto, mas esse dia eu apanhei demais da conta, mas eu fiquei, eu tenho que reconhecer que o primeiro tapa foi eu que dei, eu era muito fraquinho, magrinho e eram muitos, né, eles me, acabaram comigo. Eu voltei já, à noite, o Dazim tava me esperando, assim, o pessoal dormindo, que a gente dormia no chão, no chão mesmo, era... E aí ele pôs a mão nas minhas costas, tava doendo ele levantou minha camisa e falou: “Ih! Suas costas tá, nó, tá tudo roxo, tá um negócio danado.” Pois é, mas foi isso. Não é uma, não considero isso uma tortura, né, tortura é essa coisa que você vai fazendo, fazendo a pergunta e apertando, “Mas e isso, mas aquilo.”, né? As coisas que o Dan Mitriane veio para o Brasil pra ensinar aqui, né, pros mineiros e pro Brasil inteiro, e que os tupamaros lá no Uruguai fizeram justiça com ele.

ALEXANDRE: Agradeço, em nome da subcomissão 2. Essas respostas são muito profícuas pro nosso relatório. Continuando então, pra gente poder passar, o Josias, né, fazer suas perguntas.

JOSIAS: Faria, tudo bem? Meu nome é Josias, eu sou estagiário da Comissão, e cê falou que depois de 64, você passou um tempo na prisão, correto? E que você voltou ao banco em 1980, foi isso? Nesse período você acompanhou o que acontecia no sindicato?

ANTÔNIO FARIA: Não, porque era uma, eram interventores, né? eu não acompanhei. Em 1980 já tava um pouco mais, já tinha tido uma eleição, tava um pouco... Depois da, depois da anistia, o sindicato... Uma coisa curiosa, vou fazer um comentário sobre o sindicato. No meu tempo no sindicato, os sindicatos bancários tinha sete diretores. Um diretor o sindicato pagava o salário dele e ele ficava à disposição do sindicato. Eu era o presidente, eu não era esse que ficava à disposição do sindicato. Eu ia ao banco sete horas da manhã, saía à uma e ia pro sindicato e ficava até dez, onze horas da noite. O sanduíche que eu comia no sindicato eu pagava com meu dinheiro, não tinha... Quando eu viajava pra reuniões do sindicato, a minha falta ao trabalho era descontado nas minhas férias. E o nosso sindicato era realmente independente do governo e de, e dos patrões, quer dizer, não era o patrão que pagava o salário do dirigente sindical, eram os bancários que, na sua mensalidade, pagavam. Os pelegos é que viviam à custa do governo e dos patrões, por que os patrões, né... Uma vez um banqueiro me mandou, me ofereceu, e eu, com o perdão da palavra, mandei o

banqueiro, na cara dele, à puta que o pariu e levantei, virei as costas e fui embora. E o sindicato não tinha vínculo com o governo do Estado nem com o governo federal e nem com os partidos políticos, os dirigentes sindicais podiam, mas o sindicato não, o sindicato... O que mudou completamente hoje. É claro que os tempos são outros etc., mas o sindicato dos bancários hoje tem 51 diretores, tá? Eu não sei se todos, mas se não for todos, a imensa maioria não trabalha no banco. Fica à disposição do sindicato, e a maioria dessa maioria trabalha em outras coisas pra ter o salário que o banqueiro paga e os sindicatos passaram a ser, depois da criação da CUT, a CUT é um departamento do PT. A CUT não é uma central dos trabalhadores, a CUT vive a serviço, viveu nos tempos do PT no poder, a serviço do, do governo e do que o governo interessava com os banqueiros, com os empresários, com os empreiteiros etc., que é isso que a gente tá vendo aí. Então peleguismo voltou de uma maneira, assim, violenta, não é? E bancários do Banco do Brasil e de outros bancos, como eu, muitos deles são, viraram deputados federais e não sei o que, no nosso tempo não tinha essa coisa. Vamos dizer, mas era muito menos gente, era claro que era muito menos gente. Eu não sei o número que existe de bancários em Belo Horizonte hoje, por exemplo, mas naquela época tinha mais bancários por que tudo era feito a mão, não tinha computador, não tinha caixa eletrônico, não tinha nada era uma... Então o número de bancários quando nós tínhamos sete diretores na região não deve ser muito, seguramente o número de 51 hoje não é proporcional aos 7 que existiam naquela época, é uma coisa... Mas a sua pergunta mesmo, eu acabei...

JOSIAS: Sem problema. Quando você voltou pro banco, em 1980, você voltou também a frequentar o sindicato?

ANTÔNIO FARIA: Não.

JOSIAS: Não?

ANTÔNIO FARIA: Não. O sindicato estava sob intervenção e eu fiquei pouco tempo no banco, porque veio a anistia, eu tava com os direitos políticos suspensos, veio a anistia e em 1982, que dizer, dois anos depois, eu fui pra assembleia. Quando acabou meu mandato na assembleia e como a anistia contou o tempo que eu fiquei demitido do banco, contou... E aí eu aposentei, nunca mais. E nunca mais voltei, assim, não tenho vínculo com o sindicato, não... Também nem eles querem comigo, sabe? E nem eu com eles também pra falar a verdade.

INTERLOCUTOR: Então passamos ao assessor do grupo, do subgrupo 3, né, o RONALD.

RONALD: Faria, bom dia.

ANTÔNIO FARIA: Bom dia.

RONALD: Nós somos do grupo B, da subcomissão 3, mas tem uma questão que interessa à outra subcomissão, que é a seguinte: A Vega sofreu algum tipo de pressão, ameaça, controle, né, do Regime Militar, quando existiu a Vega, ou algum participante sofreu algum tipo...

ANTÔNIO FARIA: Por causa da Vega, não.

RONALD: Por causa ou por outros motivos.

ANTÔNIO FARIAS: Não, não, não. A Vega foi... A Vega já foi mais...

ANTÔNIO FARIA: Bem depois, não é? Não, não, foi depois não, foi não, a Vega foi, foi 1968, 69, 70, mais ou menos que a Vega. Tinha, foi uma época que tinha censura, nós publicávamos livros didáticos, depois passamos a publicar outro tipo de livros, fizemos alguns livros interessantes, mas a Vega eu quase que brincava, que a Vega era uma espécie de aparelho, né? Ali, gente que precisava, o Professor Edgar, por exemplo, é uma coisa curiosa, o professor Edgar foi eleito deputado federal, e foi cassado. Ele ficou dois anos no... E ele era professor da UFMG e da Católica, ele foi demitido da UFMG, da Católica e, enfim, e ele queria aposentar, ele precisava de tempo pra aposentar. Ele me procurou, falou: “Quem sabe você assinava a minha carteira pra eu... Eu recolho as contribuições, a família recolhe, pra poder dar o tempo de eu aposentar.”, Eu digo: “Ah, mas é claro.”, e assinei a carteira do professor Edgar. O que é um negócio, né? Várias pessoas passaram pela... O Patrus Ananias, a primeira, o primeiro emprego que ele teve com carteira assinada foi eu que assinei. Ele era jovem. Então o Edgar ficou, depois ele falou “A não, só assinar carteira, eu quero fazer algum trabalho, eu posso fazer tradução.”, aí levava pra casa, e um belo dia ele falou: “Seu Faria, já que eu tô fazendo serviço, quem sabe eu venho trabalhar aqui?”. E aí nós montamos uma mesinha com coisa pra ele. Eu fiquei impressionado, porque o Edgar foi pra lá e levou uma estante, e ele levou um monte de dicionário, e eu fiquei assim abismado, falei: “Como é que um homem como o Edgar usa tanto dicionário, né?” E o Edgar usava mesmo, por que ele lia e... E aí ele passou a frequentar diariamente, trabalhar e não sei o que. Então a Vega não teve, vamos dizer, perseguição, polícia lá, nem nada, não. Era uma coisa também muito pequena, né, assim, mas não teve perseguição. Tinha censura, então nós mesmo não íamos publicar determinado tipo de livro, que sabia que não adiantava, praquê que nós

vamos lá, né? Então publicávamos algumas traduções feitas pelo Edgar e alguns outros livros interessantes.

RONALD: A Vega era também, funcionava também como livraria, né, vendia livros de outras editoras?

ANTÔNIO FARIA: Praticamente não, tinha na entrada da Vega...

ALEXANDRE: Civilização brasileira, né?

ANTÔNIO FARIA: Tinha uns... Mas era uma coisa minúscula, era muito pequeno. O trabalho mesmo era esse de editar.

RONALD: Sim. Uma pergunta que remete a um período anterior à sua participação no sindicato, e mesmo ao seu ingresso na categoria dos bancários. Quando foi criado o sindicato dos bancários em Belo Horizonte? Lembra, mais ou menos?

ANTÔNIO FARIA: É na década de 30.

RONALD: Na década de 30?

ANTÔNIO FARIA: É.

RONALD: E você se lembra de outros movimentos, tais como greves ou campanhas, na década de 40 e 50, antes da sua entrada?

ANTÔNIO FARIA: Não, não.

RONALD: Quarenta você era praticamente uma criança.

ANTÔNIO FARIA: É, eu não, é.

RONALD: Mas na década de 50, início dos anos 60.

ANTÔNIO FARIA: É, no início soube, né, que em 1946 teve uma greve dos bancários, em 1951 teve uma greve dos bancários e depois houve essa nossa em 1961. E depois nós tivemos, nesse período aí, essa greve de um, dois dias, quando tava na época das reformas de base. Então uma coisa assim mais de protesto, mas eram pontuais, não eram... Greve geral, por exemplo, então a gente aderiria, um dia.

RONALD: Alguma repressão a esses movimentos anteriores à greve de 61?

ANTÔNIO FARIA: Não, que eu saiba não, que eu saiba não.

RONALD: Vigilância?

ANTÔNIO FARIA: Não, não, não acredito que não. Eu lembro de um, duma, duma coisa quando o Juscelino era governador, é uma história, é uma historinha que eu acho que, contavam naquela época, era muito engraçado... Um dirigente do sindicato, que era um sujeito, assim, radical, contra o... Ele não era do partido comunista não, ele era um, ele era um até um cara meio reacionário, mas que... hoje... O Juscelino fez um documento, sobre qualquer movimento lá dos bancários, e assinou, e esse

camarada uma vez falou que esse documento deveria servir para o Juscelino limpar as suas felpudas intimidades, e esse negócio na época foi muito engraçado.

RONALD: Sim e... Que forma assumiu a intervenção do sindicato após o golpe? Forma institucional... Que tipo de norma instituída pelo regime lastreou a intervenção?

ANTÔNIO FARIA: Não, aí era...

RONALD: De que forma assumiu e como é que se deu concretamente? Houve a nomeação de interventores, quem patrocinou, que órgão do Estado?

ANTÔNIO FARIA: Era o Ministério do Trabalho. Os sindicatos vinculavam-se à Delegacia Regional do Trabalho, ao Ministério do Trabalho. A lei, a carta de trabalho, não é, que a nossa lei sindical inspirada na coisa fascista do Mussolini, possibilitava isso, então houve uma intervenção do governo federal, através do ministério do trabalho, que retirou a diretoria e nomeou outras pessoas que eram meros burocratas. Não tinha movimento, não tinha nada.

RONALD: E essa intervenção formal durou até quando?

ANTÔNIO FARIA: Ah, isso eu não sou capaz de te responder exatamente, não.

RONALD: Em geral, ela se deu repetidamente, por que deve ter um período de vigência...

ANTÔNIO FARIA: Foi durante um bom tempo a intervenção. Depois, depois, é... é num, não foi tanto tempo, não, foram alguns anos, mas eu não sou capaz de dizer quando que... Mas mesmo o pessoal eleito depois, foi eleito sabendo que tinha limitações, então podia ir até aqui, mas daqui não passa não, porque senão nós vamos fazer outra intervenção, né? E nessas diretorias apareceram até pessoas interessantes, que até pra um presidente do sindicato que queria, assim, ser mais livre.

RONALD: Você se lembra de políticas na época do Regime Militar, embora você estivesse primeiramente na prisão e depois afastado da categoria. O senhor se lembra de políticas governamentais que afetavam não só os sindicatos, mas também os interesses concretos dos trabalhadores, os econômicos, social dos trabalhadores? Você lembra?

ANTÔNIO FARIA: A primeira, primeira coisa que o Regime Militar fez, foi acabar com a estabilidade. O trabalhador quando completava 10 anos, ele ganhava estabilidade no emprego, ele não podia ser demitido. O Regime Militar acabou com isso e criou o fundo de garantia, por tempo de serviço, em lugar da estabilidade. E no mais era o controle da economia, era supercontrolada, então também os reajustes etc., e

benefícios mesmo eu não me lembro de... O fundo de garantia no final até que acabou servindo pra muita gente, inclusive pra mim. Porque o fundo de garantia veio em 1967, se eu não me engano, e eu tava demitido, quando eu voltei ao banco, em 1980, o pessoal queria que eu: “Não, cê quer fazer a opção pelo fundo de garantia?” Eu digo: “Não, eu quero manter a minha estabilidade. Agora, se a anistia, o governo... A anistia obrigar o governo a cobrir o meu direito ao fundo de garantia fazendo os depósitos no meu fundo de garantia, eu topo, né?” E todos os bancários que foram demitidos e voltaram com a anistia, todos fizeram isso. O que pra mim, o que pra mim, do ponto de vista pessoal, foi uma coisa interessante, porque na hora que eu aposentei, no tempo da estabilidade não teria nada, quando eu aposentei eu tive o fundo de garantia, que virou aquela casa lá em Florestal, aquela casa é meu fundo de garantia.

RONALD: E onde você cumpriu pena? Você se referiu a esse período inicial da prisão né, do interrogatório...

ANTÔNIO FARIA: Não, eu...

RONALD: Onde cumpriu pena?

ANTÔNIO FARIA: Eu cumpri pena, depois da... Antes eu fiquei no DOPS, fiquei em Neves, nesse período inicial. No dia da condenação, eu fui pra Juiz de Fora achando que não... Que eu fui, recebi uma carta convocando pra eu comparecer ao meu julgamento.

RONALD: Da Justiça Militar?

ANTÔNIO FARIA: Da Justiça Militar, eu não tava preso nem nada, e eu fui. Eu até queria... Meu filho tinha uma asma, que tinha um camarada especialista no Rio de Janeiro. Eu até falei com Enilde: “Quem sabe eu levo o Rômulo” ele era, ele era muito novinho, ele tinha três anos, “Eu levo o Rômulo e de Juiz de Fora eu vou ao Rio buscar esse médico e tal.” Aí decidi que o Rômulo não iria não, eu fui sozinho. E lá eu fui condenado a 18 anos de cadeia, e sai de lá algemado pra ir do tribunal até no quartel, eu fui algemado, que negócio maluco, né? Lá eu fiquei uns 50 dias, mais ou menos, numa cela, eu e meus companheiros bancários, o Jony, o Alberto, o Fausto e eu. Éramos quatro. Nós ficamos numa cela, que tinha uma privada dessas turca, privada que não tinha descarga. Num porão, você não... Mesmo durante o dia cê tinha que acender a luz. A gente recebia uma lata d’água daquelas de 20 litros, que era água pra gente lavar o rosto e se...

ANTÔNIO FARIA: Nem servia pra privada. E cê imagina, quatro pessoas com uma lata de 20 litros pro dia inteiro, pra 24 horas. Dois dos quais, por causa de problemas

emocionais, tavam com uma terrível disenteria, então aquela coisa fedida, mas era um, foi uma coisa terrível. E tinha direito a banho uma vez por semana. Era, você saia um por um, ia um, depois ia outro, com um grupo de soldadinhos jovens, soldados do exército armados, que iam... Você saia da cela, atravessa um pátio assim, lá do outro lado tinha um banheiro, que era vários chuveiros, não tinha parede nem nada não, e água fria, cinco horas da manhã em Juiz de Fora, e cê levava o sabonete. E eu achava aquilo a maior glória, por que os soldadinhos faziam uma coisa com aquelas armas em volta, a uma distância que a água não pingava neles, e eu abria aquele coisa ali e teve um dia, eu que não queria parar, teve um dia que eu quase gastei um sabonete inteiro, que eu lavava e lavava e cantava, né, cantava e tal, os soldados morriam de rir, claro, né, um cara maluco desse.

RONALD: E que quartel foi esse que vocês ficaram inicialmente?

ANTÔNIO FARIA: Era um quartel do exército, eu não me lembro que nome que ele tem, não.

RONALD: E continuaram ali ou foram levados depois pra outras...

ANTÔNIO FARIA: Não, ficamos ali até que nós fomos transferidos para o DOPS aqui em Belo Horizonte, onde eu fiquei o resto do tempo.

RONALD: O resto do tempo?

ANTÔNIO FARIA: É esse quartel ele tinha direito de visita uma vez por semana e eles eram muito... a comida muito ruim, né, que... Um dia A Emília levou pra mim um, ela fez uma linguiça frita, aquela fininha, foi numa lata desse tamanho assim, aquela coisa enrolada, ela não podia me entregar aquilo, né, porque a gente era, conversava durante 15 minutos, a visita era 15 minutos, 15 minutos numa sala lá, com um soldado na porta também. Ela falou: “Eu trouxe uma linguiça, você...”, “Ah, que ótimo.”, aí acabou, ela foi embora e lá tinha um cachorro grande, eles chamavam de Gorila, o cachorro. Eram um... Sei lá que marca, que raça que era, um grandão. E o capitão veio com a latinha, que era a latinha lá de casa com a minha linguiça, eu falei: “Oba!”. Aí ele chegou na, era uma porta de grade, ele chegou e falou assim: “A sua mulher trouxe procê”. E ele ficou assim, afastado: “Gorila!” Aí ele foi dando a linguiça pro cachorro “nhac” e o cachorro comeu a minha linguiça toda, pra me fazer raiva, né, e eu fiquei rindo, né. Aí ele olhou pra mim, aí ele que ficou puto, porque eu num, eu fiquei rindo, aí ele olhou assim: “O quê que cê está rindo?”, eu digo: “O Gorila deve ter ficado feliz, viu, isso foi feito com muito carinho.” Aí ele queria me avançar, mas tinha uma grade me protegendo.

RONALD: Bem, as próprias condições narradas por você, da prisão, já significam maus tratos, né? Mas além, além desses, nesse período em Juiz de Fora e depois no DOPS, você sofreu alguma agressão?

ANTÔNIO FARIA: Não, não.

RONALD: E presenciou outras prisões? Que presos passaram por lá? E houve relatos, notícias de maus tratos a outros presos nesse período, inclusive no DOPS?

ANTÔNIO FARIA: Não. Nós tínhamos... Em Juiz de Fora, a transferência de Belo Horizonte pra Juiz de Fora foi um dos, eu considero isso uma tortura, porque nós viemos em cima de um caminhão do exército com uma lona, a gente lá na, os quatro, né? Lá um algemado no outro, e uns seis soldados armados, assim, do lado de cá, e caminhão. Naquela época, 66 ou 5, sei lá. E o caminhão vem devagar, né, então lá pelas tantas, depois de umas duas horas de viagem, o caminhão foi pro acostamento, um lugar que tinha umas árvores assim, os soldados foram descendo e foram urinar, né, e a gente ficava escutando aquele barulho, e a gente também, né, tava... algemado. E aí, até que demorou um tempão, até que foram todos e tal. Um dos meus companheiros, todos já morreram, né, mas um deles não aguentou e urinou na calça, e mais na frente um outro também. Então chegamos e fomos pro quartel do exército. E aí os cara saíram e tiraram a algema e tal e eu fui no banheiro, no mictório, com os caras do meu lado, então quando pus o bichinho pra fora lá porque a urina não saía, levou alguns minutos. Aí quando começou a sair, RONALD, não parava, eu não sei, acho que foi... Se tivesse Guinness disso, era a urinada mais demorada do mundo, viu, porque, nossa senhora! Eu fiquei um tempão naquele negócio, mas eu saí, assim, nossa, que loucura.

RONALD: Você lembra o dia exato ou semana, mês...

ANTÔNIO FARIA: Não, não, não.

RONALD: Ou ano em que você saiu da prisão?

ANTÔNIO FARIA: Lembro, isso eu lembro direitinho. Foi no dia 23 de junho de 1966. Nesse dia foi, o Diário da Tarde teve lá, né, tal aí: “O quê que cê vai fazer?”, “Não, eu vou comer não sei o que, eu vou visitar a minha mãe.”, e aí o cara virou pra mim: “Faria, e ocê, o quê que vai, primeira coisa que cê vai fazer?”, “Vou tomar uma bem geladinha, viu, porque eu tô doido...” E o Diário da Tarde publicou essa coisa. Anos depois, quando eu fui pra Rua das Flores, um vizinho meu, que depois virou meu compadre, meu irmão, o ALEXANDRE conheceu, quando eu cheguei na Rua das Flores, que aí eu falei quem eu era, nós tava conversando naquele barraco dele lá, aí

ele falou: “Pera aí.”, aí ele foi lá, ele tinha recortado, falou: “Ah, eu recortei esse aqui.”, eu olhei “Esse cara aqui é gente boa.” Ficamos assim amigos a vida inteira.

RONALD: E o dia da sua prisão?

ANTÔNIO FARIA: 29 de abril.

RONALD: De?

ANTÔNIO FARIA: De 1964.

RONALD: 64

ANTÔNIO FARIA: Por que 29 de abril? Porque eu... No dia 31 eu saí, aí eu fui pra casa de um, pra casa de outro, eu tava na clande... Fui pra Serra da Piedade etc. Mas eu não queria perder o emprego por abandono, então eu resolvi e fui ao banco, foi um dia muito interessante, porque os colegas tavam todos solidários mas também não queriam se comprometer, então eu fui, trabalhei esse dia, no dia seguinte fui lá e me apresentei e já fiquei preso.

RONALD: E, assim, pra finalizar. Você se lembra de alguma repercussão, em Belo Horizonte ou na área sindical, do massacre de Ipatinga?

ANTÔNIO FARIA: Lembro.

RONALD: Foi em outubro do ano anterior.

ANTÔNIO FARIA: Lembro, lembro.

RONALD: Podia relatar, assim, alguma memória sobre isso?

ANTÔNIO FARIA: Aquela coisa foi uma coisa chocante, né, um negócio, um negócio com uma repercussão terrível. A gente ficou todo mundo indignado, né, a polícia... Aquilo foi um... Nem, aquilo nem gosto de lembrar. Nossa mãe!

RONALD: E a relação com sua época de sindicalista com o movimento sindical em Nova Lima?

ANTÔNIO FARIA: Era fraternal, né, porque o Dazinho era meu companheiro, amigo, companheiro das mesmas ideias, e ele era um sujeito, assim, rigoroso, radical, o Dazinho era um radical, era uma coisa impressionante. Ele teve preso, nós tivemos presos juntos, ele depois virou meu compadre, ele é padrinho da Suzuki.

RONALD: Da Suzuki. Eu queria até, se você pudesse... Pode...

ANTÔNIO FARIA: E nós tivemos uma proximidade muito grande. Filho dele foi morar na minha casa, então era uma... É uma figura... E em Nova Lima, aí eu ia muito a Nova Lima. Mas o movimento sindical, a relação com o sindicato de Nova Lima era a mesma relação que os bancários tinham com os sindicatos todos. Funcionava, tanto

que na reunião que eu contei a história do mimeógrafo é no sindicato dos bancários, né?

RONALD: Uhum. E quando a CGT chamou uma greve geral, na véspera do Golpe, os sindicatos de Nova Lima foi, tentou fazer uma paralização, até conseguiu parcialmente, né, e eu houve alguma tentativa em Belo Horizonte de seguir a greve geral ou não?

ANTÔNIO FARIA: Houve, houve. E houve uma reação grande. Inclusive da igreja católica. Eu passei um telegrama, eu tinha esse telegrama, não tenho mais. Eu passei um telegrama pro Dom João Resende Costa, que era o bispo, mas desses telegramas atrevidos, né, que eu era novo no então eu era mais atrevido do que hoje, então, mas não vingou, né.

RONALD: Faria, cada um dos relatos, você falou o nome de sua companheira, Enilde, eu gostaria que cê falasse o nome completo dela, que pelo visto ela teve uma participação muito importante na sua vida e também, se possível, assim, eu quero que você fique à vontade, se você quiser dizer alguma coisa, e dos, você tem, o número de filho que você teve, que tem, e que se, se detectou alguma sequela nos filhos em função porque eles eram pequenos, né, das suas prisões, dos seus posicionamento políticos, alguma coisa que em algum momento eles tenham se referido a isso, você poderia, você gostaria de dizer alguma coisa a respeito?

ANTÔNIO FARIA: Não, da Enilde eu posso falar com a maior tranquilidade, né, quer dizer a Enilde era a minha companheira da JOC, da Juventude Operária Católica. Ela tava de acordo com essa luta toda e ela sofreu isso assim, terrivelmente, porque ela levava, por exemplo, almoço pra mim no DOPS, a comida aqui no DOPS, aquele pratinho amarrado com... E diariamente ela ia, eu não via, tinha dia de visita, etc... Ela... Se não fosse a Enilde eu não teria tido força pra, o apoio dela foi um negócio, assim, é né, até hoje uma coisa...

ANTÔNIO FARIA: Fantástica, num... Os meninos são sete, então. O Rômulo nasceu em 62, então no Golpe de 64 ele tinha dois anos, ele é do dia 24 de março, e no dia 06 de março de 64, ou 7, agora... Nasceu a segunda filha. Então, quando em 64 eu tinha já dois filhos, né? A... Numa dessas saídas minha aqui de habeas corpus etc., que eu passei alguns dias em casa, aí a Regina, né? Regina eu saí da condenação no dia do aniversário dela, no dia que ela tava fazendo um ano. São sete, né, uma família... E eles são muito unidos, o ALEXANDRE conhece há muito tempo, e é um orgulho, realmente uma fortuna que eu tenho.

RONALD: Agora você teria alguma coisa a dizer de uma pessoa muito importante da sua vida, que era a sua irmã, a Auxiliadora, né?

ANTÔNIO FARIA: A Auxiliadora?

RONALD: É. Você tem alguma coisa que cê pudesse nos dizer dela a respeito desse convívio com você? E ela teve também consequências...

ANTÔNIO FARIA: A Dora era minha irmã caçula, ela já morreu. Ela foi presa também em 64. Foi pra penitenciária de mulheres, ela era nova, 64 ela tinha 22 anos, é. Époça tinha 21 anos, então minha mãe me visitava no DOPS e depois ia na penitenciária de mulheres visitar a outra filha. Ela, depois que saiu da cadeia, ela foi pro Chile, depois foi pro Paraná, fez um doutorado em História, um bocado de livros publicados aí. E era também participante de tudo que... Chega, né?

INTERLOCUTOR: Eu tenho duas questões pra fazer, coisas mais rápidas. A primeira, o senhor disse, no início da fala do senhor, que o sindicato dos bancários era um dos sindicatos, entre outros, o mais atuante. Quais os outros sindicatos à época eram atuantes, tinham uma consciência mais progressistas?

ANTÔNIO FARIA: O Sindicato dos Tecelões, né. Que era o Bambera, um sindicato muito atuante. O Sindicato dos Metalúrgicos depois ficou também bastante atuante, né? O sindicato de Nova Lima dos mineiros, o Sindicato dos Comerciantes nunca foi, nunca participou de nada. Da Construção Civil tinha época que tava melhorzinho um pouco e tal, algumas greves nós apoiamos e... É, os mais atuantes eram esses, eu posso estar esquecendo de alguns, mas pra mim eram esses os mais...

INTERLOCUTOR: Ok. E sobre o cenário político, o senhor citou aqui Magalhães Pinto, Tancredo Neves, depois Juscelino. Como é que a classe política mineira se posicionou naqueles, nos anos anteriores, né, ao Golpe e mesmo, enfim, após o Golpe, como é que vocês liam essa conjuntura em termos da política, da classe política de Minas?

ANTÔNIO FARIA: Olha, o Magalhães Pinto em 64 era o governador, né? E ele era louco para ser o presidente da república, todo governador era, mas ele era, assim... E banqueiro, e eu era o bancário, então, né? A minha relação com ele era muito educada, né, porque... Mas ele querendo ser presidente, ia ter eleição em 65, né? Ele queria ampliar, então ele ficava em cima do muro, mas ele já estava na articulação do Golpe, né? Ele achava que com o Golpe ele ia virar o presidente, não os militares. Era um banqueiro frio, ele era frio mesmo, assim, literalmente, a mão dele era gelada. Você pegava na mão dele era um negócio, assim... Ele ganhou a eleição do Tancredo

Neves, foi uma coisa interessante. Depois do Magalhães, aí foi o Aureliano Chaves nomeado, era... Depois eu... Depois Francelino Pereira, né, que...

INTERLOCUTOR: Rondon Pacheco.

ANTÔNIO FARIA: Hein?

INTERLOCUTOR: Rondon Pacheco.

ANTÔNIO FARIA: É, Rondon Pacheco, teve o Francelino. Francelino foi até meu professor no IMACO, né, e um filho dele é um grande amigo meu. Nós não tínhamos muita, o sindicalismo, pelo menos o Sindicato dos Bancários, não tinha muito vínculo com as coisas do poder, não. Depois que os tecelões e etc. entraram, o PTB ficou, assim, mais forte. Mas foram caçados, eles foram caçados antes do AI5, do AI1, do AI5, tudo, eles foram caçados dias depois do Golpe, um negócio maluco lá dos, da Assembleia Legislativa. Foram caçados pela Assembleia Legislativa, com os deputados dos trabalhadores. Mas não tinha, assim, proximidade com a luta política, né, os bancários, por exemplo, não tinham nas candidaturas ara deputado, não tinha um candidato que os bancários, “Esse é o candidato dos bancários.” ou é o candidato apoiado pelo Sindicato dos Bancários, nunca teve nem governador, nem nada disso, a gente... Nós éramos realmente independentes.

INTERLOCUTOR: Só mais uma questão. Existia uma consciência política dos sindicalistas no sentido de ser mais autônomos, vocês disputaram os sindicatos com grupos de sindicalistas mais pelegos?

ANTÔNIO FARIA: É, não, o dos bancários não teve, o bancário teve, a disputa era entre comunistas e católicos. Nenhum dos dois grupos era composto de pelegos, então ficou livre dos... Mas os tecelões, por exemplo, quando o Bambirra ganhou, ele ganhou de pelego, não me lembro o nome de quem era, mas... E alguns sindicatos, os metalúrgicos também, depois os pelegos foram afastados. Mas eles ainda tinham uma forcinha grande, sabe, depois. Hoje tem uma força total, é a pelegagem assim...

INTERLOCUTOR: Ótimo. Eu já terminei. Tem mais alguma consideração? Não? Então antes de passar para o senhor a palavra final, pro senhor fazer as considerações finais, eu, em nome aí do, da Subcomissão 3, em nome da COVEMG, Subcomissão 5, a gente queria agradecer a disponibilidade do senhor, em vim dar esse depoimento, certamente muito valioso, muitas informações importantes e a gente já, desde já, né, gostaria de agradecer. E agora eu passo a palavra pro senhor fazer as considerações finais.

ANTÔNIO FARIA: Pois é, eu que tenho que agradecer, porque eu tô, já tanto tempo se passou que... o que já foi já foi né? Mas eu acho que a COVEMG pode ter um papel importante nos tempos de hoje. Não olhando pra trás, né? Olhando daqui pra... Você muda as coisas, você não muda o passado, nem o passado interfere no... Mas os ideais de liberdade, de justiça, de honestidade, de correção, né, de senso público é muito importante. E quando se discute isso, até do ponto de vista histórico, nós podemos estar, assim, a gente tá contribuindo pra mudar, esse país precisa de mudar, né, gente, não tá dando pra aguentar esse, o Brasil do jeito que, que ele foi sendo construído a partir da derrota da Ditadura, quer dizer, é um marco que é uma vitória, vamos dizer, da liberdade em termos gerais, mas um marco em que foi-se construindo um mecanismo, como chama o José Padilha, de apropriação do poder, né, as empresas, os políticos foram se misturando e se aproveitando e criando cada vez um número maior de pessoas que vivem dessa... Grupo do poder... Nós temos desde as prefeituras até o governo federal, um sistema em que o que conta não é o interesse público, mas o interesse daqueles que naquele momento estão ocupando o poder. Eu sempre briguei com isso a vida inteira, acho que o servidor público e os políticos não podem ser, além disso, de servidores públicos, de representantes da vontade do povo, mas da verdadeira vontade do povo. Agora, por exemplo, tão falando na lista fechada, quer dizer, os partidos, que já são 35, em 1980 vão chegar uns 80, em 2018 vão chegar, sei lá, a 70, 80 partidos, eles querem fazer uma listinha fechada em que o povo nem sabe quem é que é mais, que coisa maluca. Porque se apoderaram disso e agora tão com medo do que vem aí, das consequências dos atos ilícitos praticados no passado. E querem uma anistia antecipada, um negócio terrível de suportar. Então eu acho que essas voltas ao passado só pode ter essa utilidade, fora disso é, vamos dizer, é só lembrança. É construir daqui pra frente um país melhor, livre, né, democrático e de uma população...

ANTÔNIO FARIA: Cada vez mais igual e honesta, e agradeço a chance de poder ter estado aqui com vocês. Acabou, né, acabou o... aqui que termina?

INTERLOCUTOR: Ainda tá filmando, né, tenho que desligar, mas faz parte, né? É o desmonte da cena, né?

INTERLOCUTOR: Mas foi muito importante.

ANTÔNIO FARIA: (trecho incompreensível) Mas foi um prazer estar com vocês.

INTERLOCUTOR: (Trecho incompreensível)